

A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA EM REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Maria do Socorro Maia Fernandes BARBOSA*

RESUMO

Essa pesquisa apresenta uma descrição interpretativavista da forma e do funcionamento do gênero discursivo Divulgação Científica, em duas Revistas veiculadas de 2004 a 2006, Revista do Professor e Revista Nova Escola. Analisamos os discursos reportados, nas suas duas principais formas de apresentação das vozes alheias: discurso direto e indireto. Como objetivos estabelecemos: analisar as diferentes formas de marcar a heterogeneidade discursiva em função da imagem que o produtor faz do interlocutor; observarmos diferenças entre as formas de heterogeneidade marcada em função do produtor do texto, jornalistas e pesquisadores e investigarmos a maior ou menor incidência de discurso citado, com relação às diferentes perspectivas das comunidades produtoras desses textos. Para fundamentar as discussões optamos pela linha sócio-histórica, sua conceituação de linguagem e do sujeito do discurso, nos trabalhos de Bakhtin (1995) e nas discussões teóricas da heterogeneidade discursiva, de Authier-Revuz (1990; 1998; 2004) e Maingueneau (1993; 2001). Ao analisarmos os dados, identificamos como elementos relevantes para construção das matérias a imagem que o produtor faz do seu interlocutor e o uso de estratégias diferenciadas. Por exemplo, o texto produzido por jornalistas faz uso freqüente das formas do discurso direto, enquanto que o texto produzido por pesquisadores é atravessado pelo discurso indireto. Além disso, diferenciam-se os textos nas vozes sociais que trazem para o seu discurso, no texto produzido por jornalistas predominam a chamada à cena discursiva dos agentes da escola, professores, alunos, entre outros, e nos textos produzidos por pesquisadores os enunciados já-ditos são provenientes em sua maioria do discurso científico.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação Científica; Heterogeneidade Discursiva; Discurso Citado.

* Docente da UERN, *Campus Avançado Profa. Maria Elisa de A. Maia*, Departamento de LETRAS. BR 405, KM 3, Bairro Arizona. 59.900-000. Pau dos Ferros – RN – Brasil. socorromaia@uern.br

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa, trabalhamos com o *corpus*, Revista de Divulgação Científica (DC), porque, como formadores de professores, preocupamo-nos em entender melhor os meios mais utilizados por esses profissionais, para a aquisição e ampliação de seus conhecimentos. Compreender, pois, essa relação dos professores com o conhecimento é uma temática bastante atual e pertinente.

Para atender aos nossos objetivos, trabalhamos com a seguinte empiria: 13 textos da Revista Nova Escola e 13 textos da Revista do Professor, veiculados no período de 2004 a 2006.

O objetivo dessas duas revistas é dar uma contribuição ao desenvolvimento educacional do Brasil, ajudando a melhorar e modernizar a educação brasileira. São publicações didático-pedagógicas, de circulação nacional, destinadas a professores de Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Constituem-se como produtores dessas revistas, jornalistas e pesquisadores.

A nossa tese é que as formas de marcar a heterogeneidade discursiva em Revistas de Divulgação Científica variam de acordo com: a imagem que o produtor faz dos possíveis interlocutores (leitores); e em função da própria formação do produtor do texto (jornalistas ou professores pesquisadores).

Entendemos Divulgação Científica como um trabalho de formulação de um novo discurso, que se articula, sim, com o campo científico e o faz sob variadas formas, mas que não emerge dessa interferência como o produto de uma mera reformulação de linguagem.

A publicação do trabalho científico, para dar conhecimento dele a outros, foi uma invenção do século XVII. Começou como correspondência, primeiro entre

cientistas e, depois, entre cientistas e editores. No Brasil, durante o período colonial, qualquer manifestação no sentido de fundar uma ciência brasileira foi intensamente reprimida pelo governo português. Somente em 1808, ano em que houve a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, quando se abriram os portos, é que foi abolida a suspensão para imprimir; e a publicação de livros, revistas e jornais só teve início com a criação, em 1810, da Imprensa Régia.

Atualmente, o discurso da Divulgação Científica (DC) é muito visitado por estudiosos que nele buscam informações para manter-se atualizados em sua área de trabalho e/ou investigação. Nesse campo de investigação encontramos várias abordagens que observam a presença do outro na DC, dentre eles destacamos: Orlandi (2001), Coracini (2003), Zamboni (2001), Grillo (2004), Gomes (1995, 2003), Grigoletto (2003) e vários outros. Este discurso é, também, bastante explorado por muitos professores, objetivando a ampliação e a atualização dos conhecimentos de seus alunos, uma vez que o discurso de DC apresenta uma linguagem mais acessível.

Pretendemos estudar a Divulgação Científica como uma prática discursiva¹, concebendo-a como carregada de heterogeneidade, na qual se manifestam fenômenos da subjetividade que resultam de um empreendimento enunciativo, no qual o sujeito exerce uma ação com e sobre a linguagem. Trabalhamos com o pressuposto de que não há linguagem em que não tenha a “presença” de um outro a quem eu falo e que é ele próprio “falante/respondente” (Cf. AMORIM, 2001), e que, também, não há linguagem sem a possibilidade de falar do que um outro já disse.

Refletindo sobre a heterogeneidade mostrada, inscrita no discurso de Divulgação Científica produzido por jornalistas e pesquisadores, situamos, assim, o nosso trabalho na Análise do Discurso (AD) de origem francesa, que mantém relação com a História,

¹ Entendemos prática discursiva de acordo com a visão de Charaudeau e Maingueneau (2004), que consideram o discurso como uma forma de ação sobre o mundo, produzida fundamentalmente nas relações de forças sociais.

com arquivos provenientes de instâncias institucionais. Dentro dessa teoria, situamos a análise dos trechos das matérias publicadas em revistas de DC na terceira fase do discurso, exatamente, por nos apresentar uma concepção de sujeito compatível com a noção de discurso marcada pela heterogeneidade.

A heterogeneidade discursiva

Para fundamentar teoricamente as nossas discussões, trabalhamos na perspectiva da teoria bakhtiniana que aponta a presença da voz do Outro em todos os discursos. Assim sendo, o discurso de DC está permeado pelas palavras alheias. As formas como essas vozes apresentam-se nos discursos foram, primeiramente, discutidas por Bakhtin (1929), quando este autor organizou a sua teoria, trabalhando as formas de citação das outras vozes na narração, apontando-as como discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Dos estudos lingüísticos pós-bakhtinianos sobre a citação, enfatizaremos, aqui, os trabalhos de Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004).

Destacaremos o trabalho de Authier-Revuz, que, partindo de Bakhtin e Lacan, elaborou uma distinção no campo da heterogeneidade discursiva: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Authier-Revuz (1990), ver a Heterogeneidade Constitutiva como: “Todo discurso é constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’”. Assim, um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, constitutivamente, em seu interior, outros discursos.

Na heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz propõe, então, dois tipos de enunciados: aqueles que mostram a heterogeneidade com marcas explícitas e aqueles cujas marcas não são mostradas. Ao confinar o Outro a um fragmento discursivo,

marcado explicitamente, delimitando o lugar do outro, o locutor institui todo o resto do discurso como emanado dele próprio. O fragmento marcado pelas formas de heterogeneidade mostrada assume, dessa maneira, um outro estatuto. Através desse procedimento, o locutor manifesta uma concepção de seu próprio discurso como um fato homogêneo, fazendo acreditar que o outro não está em todo discurso, e, assim, pela posição metalingüística em que se coloca, define sua capacidade de separar o seu discurso do discurso do outro. (Cf. BENITES, 2002).

A heterogeneidade marcada na divulgação científica

Optamos por centrar as análises do nosso trabalho, também, numa perspectiva da dialogicidade, pois a compreendemos como constitutiva de toda a linguagem, que se efetiva inter e intra-enunciados, ou seja, as vozes que se materializam nos enunciados, se relacionam com o já-dito. Assim quando falamos, atualizamos as vozes sociais, que de acordo com a teoria de Bakhtin (1995) se articulam numa cadeia de responsividade (de respostas ao já-dito), ao se enunciarem reivindicam para si: adesões, críticas e outras formas de responder aos discursos que foram enunciados anteriormente. Vejamos os exemplos do nosso *corpus*:

Nos dizeres, verificamos a força, a presença e os valores das vozes alheias, podemos dizer, usando uma linguagem bakhtiniana, que estes enunciados estão carregados de tensões das vozes sociais, isto é, há nesses dizeres uma concordância implícita com outras vozes que tratam de temáticas vinculadas à importância da leitura e suas práticas.

Quando analisamos a temática das matérias veiculadas nas duas revistas e a constituição dos textos, ou seja, nas produções dos jornalistas e dos pesquisadores, percebemos que o discurso se encontra orientado para as discussões educacionais, da atualidade, com as quais os autores interagem, sendo, portanto, acontecimentos já discursivizados. Assim, o autor tem acesso, também, a essa temática pelo já-dito.

Vemos que os autores não constroem os seus textos de um modo solitário, mas as suas vozes se encontram entrelaçadas com outras vozes, estabelecendo com elas relações dialógicas. A incorporação das outras vozes ao discurso dos produtores, das revistas, auxilia para construção do seu ponto de vista. Assim, podemos dizer que as marcas de heterogeneidade explícita, no discurso, representam o limite entre o discurso do sujeito falante e o outro. Como vemos nos exemplos a seguir:

[1] Texto C.2 – 2006

A questão da leitura nos remete, novamente, a Paulo Freire: a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.

[2] Texto J.2 – 2006

[...] Essa prática aproxima os pequenos do mundo cotidiano - distante das metáforas e "viagens" da literatura - e ajuda a formar leitores assíduos e interessados pelos fatos reais. *"Jornais e revistas cumprem a função básica de produtores de conhecimento. Como a informação é a matéria-prima do trabalho escolar, não há como falar em educação sem ler essas publicações todo dia"* **explica Flávia Aidar, educadora e historiadora.**

A fala do outro dialogiza o próprio enunciado e dá credibilidade à fala do produtor do texto. Nas matérias da revista NE, presenciamos as vozes das mais variadas classes da comunidade educacional, ou seja, temos as vozes de alunos, professores da educação infantil e do ensino superior, consultores, equipe diretiva, teóricos, dentre outros, mas nas matérias da RP as outras vozes que aparecem são de teóricos consagrados. Mesmo assim, todos esses discursos auxiliam a construir o discurso do

autor e funcionam como argumentos para a construção da temática defendida por ele. Nesse movimento dialógico, o autor incorpora diferentes vozes que sustentam a sua fala.

A heterogeneidade marcada e sua relação com o produtor do texto

O discurso relatado direto

Podemos ver na literatura lingüística que o discurso direto indica uma outra posição, um outro significado, um outro valor axiológico, advindo do discurso do outro. O DD vem separado da fala do autor por meio de aspas, dois pontos, travessões, itálico ou verbos *discendi*, por exemplo.

Assim, o produtor, jornalista ou pesquisador, do texto marca esse discurso do outro, como forma de provar sua neutralidade diante do que está sendo dito, ou marcar a origem do discurso ou o direito autoral.

[3] Texto C.13 – 2004

[...] escrever, **como dizia Clarisce Lispector**, é lembrar-se do que nunca existiu. Escrever, segundo Roland Barthes, é espantar-se.

[4] Texto J.2 – 2006

[...] O segundo foi fazer o diagnóstico dos conhecimentos prévios da garotada: "***Alguém faz ideia de quem foi Pedro Álvares Cabral? Quem conhece o ponto de vista dos povos indígenas sobre o descobrimento?***" Na mesma aula, todos leram o primeiro texto com a professora.

A presença do discurso relatado direto, nesses exemplos, também, funciona como uma estratégia para auxiliar na construção do ponto de vista dos produtores do texto. Esses produtores trazem essas vozes, unem-se a elas, mesmo sendo elas destacadas do seu discurso (por aspas, por exemplo), o produtor as utiliza como um argumento de autoridade. Assim, cria uma autenticidade no seu discurso, indicando que as palavras relatadas pela escritora, no exemplo [7] foram realmente proferidas por ela. No exemplo [8] a citação feita em discurso direto, nos remete para observarmos, no texto, um caráter de oralidade, de espontaneidade, o que aproxima cada vez mais o interlocutor, facilitando a compreensão da mensagem.

Observamos, ainda, em vários casos o Discurso Direto, sendo introduzido como um discurso indireto. Vejamos:

[5] Texto C.1 – 2006

De acordo com Reverbel, *“as atividades de expressão inscrevem-se num contexto contemporâneo e social.”*

[6] Texto J.12 – 2004

Juvenal Zanchetta Jr., professor da Unesp de Marília e parceiro de Maria Alice na elaboração de obras sobre o tema, diz que o trabalho com o jornal deve ser permanente: *“Aos poucos, essa atividade se torna mais complexa com a ampliação da capacidade de leitura dos alunos”. [...]*

O produtor, jornalista ou pesquisador, introduz de forma indireta as outras vozes, mas na tentativa de dar sustentabilidade ao seu dizer, para fundamentar cada vez mais a sua afirmação ele utiliza-se do discurso do próprio informante, cita-o literalmente, na perspectiva de complementar o seu dizer.

4.1.2 O discurso relatado indireto

Uma presença maior do discurso relatado indireto apareceu nas matérias da RP, escritas por pesquisadores. 73,80% das outras vozes trazidas para o texto vieram de forma indireta. Para Bakhtin, o discurso indireto é uma transmissão analítica do discurso de outrem. Refletindo sobre o DI, vemos nas matérias de DC, formas diferentes de marcar a introdução do discurso indireto.

[7] Texto C.8 – 2006

Neste período, **como aponta a autora**, dois fenômenos contribuíram para a difusão do gênero infantil de literatura [...].

[8] Texto J. 4 – 2006

Ela faz questão de que a atividade seja parte da rotina escolar e não entre somente como um tapa-buraco. A narração proporciona experiências lúdicas e de aprendizado pelo contato que os alunos têm com a tradição da palavra falada e as diferentes culturas por trás das narrativas

Nos exemplos supracitados, a introdução do DI não aparece só com verbos de elocução, mas também, com outros que incorporam o sentido de um ato verbal.

Essa é a realidade do nosso *corpus*. A grande incidência da heterogeneidade mostrada, marcada, na Divulgação Científica foi muito presente durante as leituras desses dois veículos de divulgação. Dependendo da revista (NE ou RP), percebíamos uma maior ou menor ocorrência do discurso do outro, ou seja, percebíamos essa grande diferença no número de ocorrências de discurso direto ou discurso indireto ou parágrafos construídos com a junção das duas formas de discurso: DD + DI, em cada matéria como podemos ver, nas tabelas, acima.

Analisando o nosso *corpus* temos um total de 683 linhas de DD, DI e DD + DI, ou seja, essas são as outras vozes que vêm contribuir para fundamentar e sustentar o ponto de vista dos produtores das matérias publicadas nas revistas. Um número muito alto de citações que aparecem nos dados. Desse total, de outras vozes, 60,32 % estão nas matérias produzidas por jornalistas, na NE, ou seja, há uma maior presença do

discurso relatado direto nas reportagens da Nova Escola, nas matérias escritas por jornalistas. Já na RP essa porcentagem é bem menor, aparecem apenas 39,68% de outras vozes, como constatamos no gráfico 1. Um total de 78,89%, das outras vozes agenciadas, foi incorporado na forma de DD, 16,01% na forma de DD + DI e 5,10%, na forma de DI. Uma realidade contrária, na qual temos apenas 22,88% de DD e uma grande quantidade de DI. O que visualizaremos melhor nos gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Total de linhas de Discurso Citado na Revista do Professor e na Revista Nova Escola

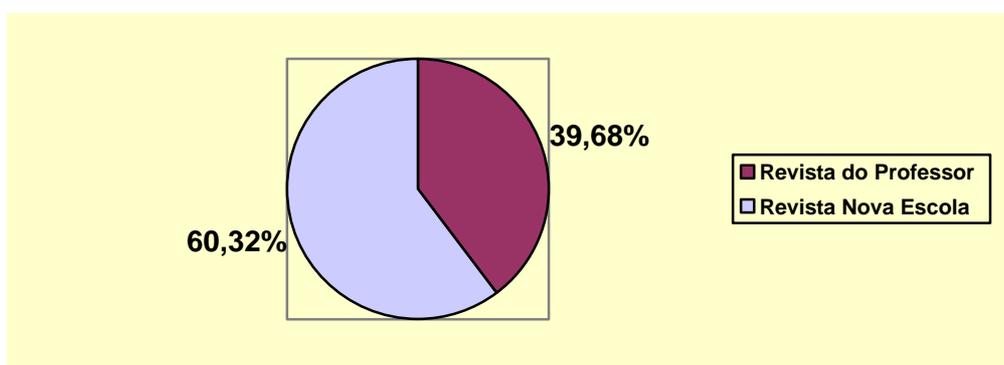


Gráfico 2: Total de linhas de todas as vozes do *corpus* da RP

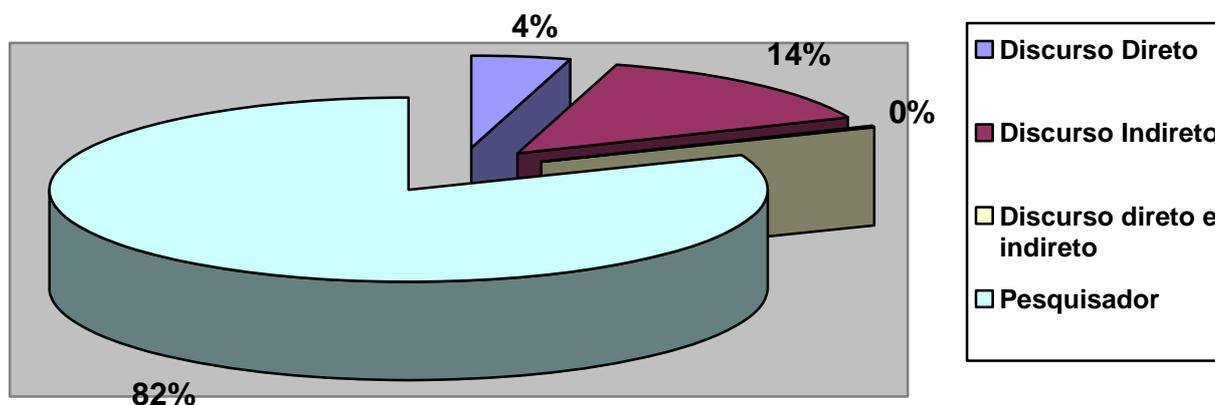
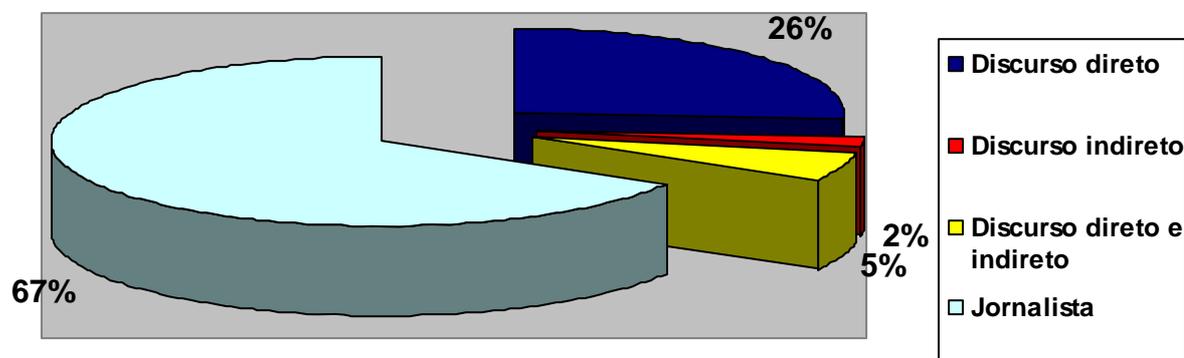


Gráfico 3: Total de linhas de todas as vozes do *corpus* da NE



Com a visualização desses dados percebemos que as perspectivas das comunidades produtoras desses textos são diversas. Visualizamos isso no gráfico 1, quando este apresenta a grande distinção no número de discurso citado, nas duas revistas. O jornalista faz questão de organizar seu discurso a partir do discurso do outro. Já os pesquisadores, fazem isso de forma moderada, com menos intensidade. Usam as outras vozes, para dar respaldo teórico ao texto que estão defendendo, ou seja, ancoram o seu discurso no discurso de um intelectual e, na maioria das vezes, de forma indireta. Assim, as formas de heterogeneidade marcadas que aparecem nas matérias produzidas por pesquisadores e por jornalistas se apresentam com características e quantidades distintas, consequência direta da visão dos produtores.

CONCLUSÕES

A partir das discussões teóricas ficou definida a nossa concepção de discurso de DC, como sendo um processo pelo qual o sujeito, que realiza a atividade de informar o

conhecimento que foi produzido pela academia, formula em uma nova ordem, o conhecimento da ciência. É um outro discurso, mas não uma reformulação, nem uma tradução. Essa produção escrita de um novo jeito, não perde, no caso da RP, os critérios de cientificidade e, na revista NE, critérios de cientificidade, laicidade e didaticidade. São discursos diferentes. O jornalista adéqua o discurso científico ao jornalístico.

A dialogicidade, constitutiva de toda linguagem, existente entre esses textos do Conhecimento Científico e da Divulgação Científica, apresenta, aqui, no nosso *corpus*, as outras vozes que se materializam nos enunciados. Assim percebemos como esses enunciados da DC relacionam-se com o já-dito (Conhecimento Científico), atualizando as vozes sociais e os seus valores axiológicos. Essa trama acontece numa cadeia de responsividade, quando ao trazer as outras vozes para o seu discurso, os produtores, jornalistas e pesquisadores, reivindicam para o seu texto: adesões, críticas e outros, dialogizando todos os seus dizeres.

Os dois grupos de autores dos textos que compõem o *corpus* do trabalho, jornalistas (NE) e pesquisadores (RP), têm conhecimentos de mundo bastante diferentes, o que os leva a apreender de forma diferente a imagem que fazem do interlocutor, por isso as estratégias empregadas para a construção dos textos de Divulgação Científica, na NE e na RP, e, conseqüentemente, para a inserção do discurso relatado são tão diferentes, nas duas revistas.

Na NE o jornalista, produtor do texto, escreve para leitores diversificados, com características e vivências as mais variadas, ou seja, leitores com ou sem pós-graduação; leitores, professores dos mais variados níveis de ensino; leitores que não atuam como professores, mas com funções outras na escola; leitores que buscam novidades, para dar mais qualidade às aulas; por isso o jornalista passa as suas informações de uma maneira mais direta, mais simples, utilizando uma linguagem de entendimento fácil. Fazendo

uso, para construir o seu texto, de vozes do senso comum e do conhecimento científico. Já a imagem que o pesquisador da RP tem do seu interlocutor é totalmente diferente. Ele vê o seu interlocutor como um professor acostumado a ler e a produzir textos com critérios de cientificidade. Esse produtor, que é, na maioria das vezes, um pós-graduado, um mestre ou um doutor, escreve para um leitor acostumado à leitura de textos científicos. Assim, esse produtor compreende que seus textos só são veiculados entre os seus pares. Por isso, não se preocupa em apresentar as falas de pessoas comuns, apresentando, apenas, o discurso relatado de grandes pensadores da linguagem.

Concluimos, portanto, que a heterogeneidade mostrada, nos textos das revistas, NE e RP, apresenta-se de forma diferente por estar relacionada com a imagem que o produtor tem do interlocutor. Vemos uma relação dessas mudanças com a vida sociocultural e histórica da ação humana de cada produtor, mediada pela linguagem, ou seja, há muitas distinções no modo de apresentação e construção do discurso organizado por pesquisadores e jornalistas, em função de identidades diferentes dos produtores de textos, por isso, diferenças nas formas de manifestação do discurso de DC.

Apesar de o jornalista trazer tantas vozes para o seu texto e de o papel do outro ser fundamental na construção destes, isso não anula o papel do sujeito jornalista, pois presenciamos a sua marca desde a escolha dos depoimentos, sua organização e a seleção dos verbos *dicendi*, que dão margem à geração de diferentes efeitos de sentido. Assim, mesmo quando parte da voz do outro, a função do jornalista como sujeito do discurso é preservada.

Nas reportagens produzidas por jornalistas, na NE, os locutores procuram aproximar-se do público leitor, através de uma linguagem menos formal, na perspectiva de atender às expectativas de um público leigo que busca um maior domínio de conhecimento em assuntos específicos. Para organizar a sua matéria, o jornalista

produtor da Revista Nova Escola, utiliza, na grande maioria do seu texto, o discurso direto. Traz para a sua matéria a fala “literal” dos entrevistados. Já os pesquisadores, autores da Revista do Professor, utilizam-se mais, de forma indireta, do discurso da ciência. Esses pesquisadores citam de forma indireta o posicionamento de autores-escritores, ou pesquisadores renomados da academia, como forma de justificar o seu discurso. Assim, concordamos que o DD e o DI como formas de transmissão do discurso do outro contribuem para a dialogização das matérias de DC.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez.1990.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. (1992). Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal) Título original: Estetika Slovesnogo Tvortchestva, 1979.

_____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1979.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza – e – Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes, 1989.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a Divulgação Científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da Divulgação Científica. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.